



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2014

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

Time: 2 hours

70 marks

PLEASE READ THE FOLLOWING INSTRUCTIONS CAREFULLY

1. This question paper consists of 10 pages. Please check that your question paper is complete.
 2. Answer questions in the Answer Book.
 3. Number your answers exactly as the questions are numbered.
 4. Start each section on a new page.
 5. It is in your own interest to write legibly and to present your work neatly.
-

Responda apenas a **duas** perguntas.

PERGUNTA 1 ROMANCE/NOVEL

O último voo do flamingo, de Mia Couto

Como o narrador homodiegético de *O Último Voo do Flamingo* afirma, 'o que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram (pág.11)', justificando, deste modo, a criação de novos termos.

Tendo em conta as afirmações feitas, efetue uma análise da linguagem de Mia Couto no romance em epígrafe, ilustrando, sempre que possível, as suas afirmações.

[35]

OU

Mia Couto assinala uma transformação da linguagem literária em Moçambique, aparentando ser o seu principal interesse a renovação linguística como expressão de solidariedade para com o povo moçambicano. Mia Couto parece também acreditar no poder da palavra para pôr em causa realidades políticas, sociais e económicas, o que o leva a recriar determinado universo vivencial. Uma das componentes mais importantes da sua escrita é a da situação neológica. À semelhança do que acontece com Guimarães Rosa, brasileiro, e Luandino Vieira, angolano, Mia Couto sente a necessidade de criar uma nova linguagem que traduza a diferença do universo diegético por si criado.

Leia o extrato que se segue e responda às perguntas.

O rececionista riu-se, mas logo se emendou. Vendo que eu me aproximava, escolheu falar o restante comigo. Me achei, eu e o italiano nos **compadreámos**, adjuntando nossos ouvidos. O hospedeiro me fingiu segredar, sabendo que o outro escutava com gravidade: (Pág. 41)

– *O seu amigo branco que tenha muito cuidado com essa velha.*

– *Porquê?*

– *Ela é uma dessas que anda, mas não leva a sombra com ela. [...]*

O italiano me olhou, como se fosse a primeira vez:

– *Você quem é?*

– *Sou seu tradutor.*

– *Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que eu não entendo é este mundo aqui.*

1. Indique quem é o narrador. (2)
2. Tendo em atenção a mensagem contida no livro, explique que tipo de 'tradução' vai o tradutor fazer. (5)
3. Identifique o 'italiano' e explique por que razão se desloca a Moçambique. (2)

4. A 'velha' referida no excerto desempenha um papel importante na obra. Identifique essa pessoa, explique por que razão o rececionista recomenda cuidado com ela e justifique essa recomendação com o facto de ela 'não leva[r] a sombra com ela'. (7)

5. Explique o valor expressivo do neologismo assinalados tendo em atenção a sua formação.

Me acheguei, eu e o italiano nos **compadreámos**, adjuntando nossos ouvidos (Pág. 41). (3)

Um dia o juramento de minha velha mãe cumpriu seu serviço. Vieram me chamar, às emergências: minha mãe se estava despegando da alma. [...] Chegado à vila ocorri num bater de pestana. [...] Ela me pegou na mão e fechou os olhos como se fosse por eles que respirasse. [...]

– *Afinal, você é parecido com ele ...*

– *Mãe? Quem é ele?*

Eu lhe perguntava isso só para fazer conta que não notara que ela já desvivia. Eu queria era **pequeninar** tristeza. (Pág. 51)

6. A mãe do narrador, na frase 'Afinal você é parecido com ele ...', refere-se a Sulplício, o pai do narrador. Comente o significado deste nome no contexto da mensagem veiculada. (6)

7. Explique o valor expressivo do neologismo assinalado a negrito tendo em atenção a situação do excerto transcrito. (5)

8. Identifique uma perífrase e outro neologismo e explique a sua situação neológica. (5)

[35]

PERGUNTA 2 CONTO/SHORT STORY

Nevoeiro, de Mário Dionísio

E, de repente, deu com os olhos no espelho. Os olhos, o nariz, um pedaço da boca. Nada mais. Ali os papos dos olhos inchavam, as rugas cavavam-se, os olhos tornavam-se maiores e entravam por ele dentro com uma frieza de faca. Mudos, Perscrutadores. Sabiam tudo e queriam saber sempre ainda mais. Saber o quê? A custo os desviou e voltou a atirá-los lá para fora. Névoa, névoa.

Não esquecer um minuto a Luísa, o Edmundo, os outros todos. Senti-los à sua volta, apesar do nevoeiro, atravessando o nevoeiro, pondo-lhe a mão no ombro.

Relembre o estudo que realizou sobre o conto em epígrafe e responda às questões formuladas.

1. Classifique o narrador do conto quanto à ciência e justifique a sua classificação. (5)
2. Ao longo de todo o conto, o homem que se olha ao espelho nunca é referido pelo nome. Justifique a importância dessa ausência de nome. (6)
3. *Não esquecer um minuto a Luísa, o Edmundo, os outros todos. Senti-los à sua volta, apesar do nevoeiro, atravessando o nevoeiro, pondo-lhe a mão no ombro.*
 - (a) Comente a razão por que o homem recorda Luísa, Edmundo e outros. (6)
 - (b) A palavra *nevoeiro* recorre inúmeras vezes ao longo do conto. Explique a importância dessa repetição e o seu valor expressivo. (6)
4. Muito mais que ação, o conto é revelador da situação de vivência do homem. Explique essa situação e ilustre-a com um exemplo que recorde. (6)
5. Na última frase do excerto, o homem deseja ser capaz de *Senti-los à sua volta, apesar do nevoeiro, atravessando o nevoeiro, pondo-lhe a mão no ombro*. Explique o significado de poder atravessar o 'nevoeiro' e pôr-lhes 'a mão no ombro'. (6)

[35]

OU

Nevoeiro, de Mário Dionísio

"Não havia sol há muitos dias. Uma luz fosca velava, por ali abaixo, a massa acidentada dos telhados, tufo de árvores, algumas ruas já com luz. Tudo impreciso e distante. Mesmo os telhados mais próximos, a torre da igreja, se esbatiam na névoa. E, dentro de casa, havia uma outra névoa que encobria as pessoas. As deformava, as isolava."

A noite, a névoa densa, não são mais do que poderosas metáforas de um país asfíxiado. Efetue a análise do aspeto social vivido pelos portugueses.

[35]

PERGUNTA 3 PEÇA DE TEATRO/DRAMA

Deus lhe Pague, de Joracy Camargo

O teatro de Joracy Camargo pode e deve chamar-se 'teatro de ideias', teatro que não contente em distrair e divertir, pretende e consegue sempre erguer a alma do ouvinte ou do leitor acima das mesquinharias e egoísmos quotidianos. É do consenso geral que a peça apresenta características de um 'manifesto político'.

Tendo em atenção as afirmações acima, desenvolva um comentário que confirme que se pode e deve integrar a peça de teatro em epígrafe no 'teatro de ideias'.

[35]

OU

Leia os excertos e responda às questões postas.

CENÁRIO

A mesma porta da igreja dos atos anteriores. Ao subir o pano, MENDIGO e OUTRO estão na mesma situação de sempre.

OUTRO A história da sua vida é muito mais complicada do que a história da própria vida.

MENDIGO O senhor diz isso porque não conhece a história da vida ... É muito mais simples do que a vida de qualquer de nós ...

OUTRO Desconheço-a. Li muitos livros de história, mas em nenhum encontrei a história da vida ...

MENDIGO Não é nos livros que se lê essa história. Há muita gente interessada em ocultá-la, para que os homens como o senhor suponham que a vida sempre foi como é e que há de ser eternamente assim.

OUTRO De que serve saber como foi se a gente não pode fazer voltar o passado?

MENDIGO Mas pode-se estabelecer um presente melhor. (Pausa).

MENDIGO Se o senhor pensasse, chegaria às conclusões a que cheguei. Sabe quantos são os reinos da natureza.

OUTRO Ah! Isso eu sei! São três: animal, vegetal e mineral. (Contente) Viu?

MENDIGO Muito bem!... São as três vidas. E nenhuma delas escapou à tirania dos homens. Os animais foram atrelados às carroças dos homens; foram atrelados às carroças que lhes transportam a fortuna; os vegetais e minerais foram trancafiados nos armazéns para forçar a alta dos preços. E até a água, coitadinha, foi engarrafada!

OUTRO Que nos resta, então?

MENDIGO O ar, meu amigo, o ar. Mas se a vida continuar assim, eles conseguirão, por intermédio da ciência oficial, monopolizar esse elemento, e teremos de comprar balões de ar para viver, como os moribundos compram balões de oxigénio para prolongar a vida!

OUTRO Então, a ciência é inimiga do homem?

MENDIGO Não. O homem é que é inimigo do próprio homem. Inimigo de si mesmo. O inventor da guilhotina foi guilhotinado ...

OUTRO Bem feito!

MENDIGO E tudo o mais tem sido assim. Todas as armas dos homens foram fornecidas pelas suas próprias vítimas. Os capitalistas não inventam nada. Aproveitam-se das invenções dos outros. Homens inúteis, que se utilizam de tudo!

1. "Não é nos livros que se lê essa história. Há muita gente interessada em ocultá-la, para que os homens como o senhor suponham que a vida sempre foi como é e que há-de ser eternamente assim."
 - 1.1 Descreva a história da vida segundo o Mendigo. (5)
 - 1.2 Explique a quem é que o Mendigo se refere com a 'gente interessada em ocultá-la.' (2)
 - 1.3 Exponha o que pretende essa 'gente' ocultar. (5)
2. "Muito bem! ... São as três vidas. E nenhuma delas escapou à tirania dos homens. Os animais foram atrelados às carroças dos homens; foram atrelados às carroças que lhes transportam a fortuna; os vegetais e minerais foram trancafiados nos armazéns para forçar a alta dos preços. E até a água, coitadinha, foi engarrafada!"
 - 2.1 O excerto acima é um exemplo de:
 - A Elipse
 - B Analepse
 - C Prolepse
 (1)
 - 2.2 Transcreva um exemplo de aliteração. (1)
 - 2.3 O excerto acima (em 2.) pode ser interpretado tanto literalmente como figurativamente. Explique por suas palavras o significado figurativo. (5)
3. "Não. O homem é que é inimigo do próprio homem. Inimigo de si próprio. O inventor da guilhotina foi guilhotinado."

Apresente a sua opinião pessoal ao facto de o homem poder ser considerado 'inimigo de si próprio'. Receberá pontos pela validade e solidez da sua resposta bem como pelos factos que apresentar para a ilustrar. (6)
4. "E tudo o mais tem sido assim. Todas as armas dos homens foram fornecidas pelas suas próprias vítimas. Os capitalistas não inventam nada. Aproveitam-se das invenções dos outros. Homens inúteis, que se utilizam de tudo!"

Há uma clara conexão entre o excerto acima e a situação presente do Mendigo. Explique o que terá acontecido. (5)

5. *Mendigo – Todos pensam como eu, mas há uma coisa que atrapalha o pensamento ...*

Outro – O que é?

Mendigo – O medo. Medo moral das coisas invisíveis. os homens só têm medo daquilo que não vêem ...

Outro – Medo de Deus?

Mendigo – É. Ninguém cumpre o que Deus determinou pela palavra do Messias. Mas como o dinheiro resolve tudo, compram o perdão de Deus, por nosso intermédio.

O excerto justifica a permanência do Mendigo à porta da Igreja. Discuta a personagem Mendigo como alguém que se aproveita do 'medo moral' das pessoas.

(5)

[35]

PERGUNTA 4 POESIA/POETRY

Aniversário, de Álvaro de Campos

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,
O que fui de coração e parentesco.
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui – ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui ...
A que distância! ...
(Nem o acho ...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a humidade no corredor do fim da casa,
Pondo gelado nas paredes ...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio ...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos ...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim ...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui ...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas – doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos ...

Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira! ...
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos! ...

1. O poema não foca mesmo um aniversário. Explique a que se refere. (6)
2. Caracterize por suas palavras o eu-poético no passado e no presente, enunciando os sentimentos que o dominam em cada um desses tempos. Transcreva os versos que documentem a sua resposta. (8)
3. Na referência ao passado, há um verso que indica o egocentrismo de criança. Transcreva-o e explique o seu significado. (4)
4. O que fui de coração e parentesco.
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino

A expressão sublinhada é um exemplo de:

A Paralelismo
B Anáfora
C Gradação
D Imagem (1)
5. O verso 16 *A que distância!* ... acaba com reticências porque ... (4)
6. Justifique o emprego do imperativo em:
Pára meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça! (3)
7. Explique o significado do verso «Eu era feliz e ninguém estava morto». (3)
8. Comente como é que a repetição do verso *No tempo em que festejavam o dia dos meus anos* contribui para o tom do poema. (6)

[35]**OU**

Casebre, de Jorge Barbosa

Foi a estiagem
E o silêncio depois
Nem sinal de planta
nem restos de árvore
no cenário ressequido da planície.

O casebre apenas
de pedra solta
e uma lembrança aflitiva
O teto de palha
levou-o
a fúria do sueste.
Sem batentes
as portas e as janelas
ficaram escancaradas
para aquela desolação.
Foi a estiagem que passou.
Nesses tempos
não tem descanso
a padiola mortuária da regedoria.
Levou primeiro
o corpo mirrado da mulher
com o filho nu ao lado
de barriga inchada
que se diria
que foi de fartura que morreu.
O homem depois
com os olhos parados
abertos ainda.
Tão silenciosa a tragédia das secas nestas ilhas!
Nem gritos nem alarme
— somente o jeito passivo de morrer!
No quintal do casebre
três pedras juntas
três pedras queimadas
que há muito não serviram.
E o arco do ferro do menino
com a vareta ainda presa.

Jorge Barbosa centra o seu poema na condição social precária dos habitantes de Cabo Verde, de maneira realista, como se de uma crónica se tratasse. Relembre a situação em que Cabo Verde se encontrava no tempo colonial. Redija um ensaio no qual desenvolva a temática explícita e implícita na composição, a partir da metáfora contida em 'Nem gritos nem alarme / – somente o jeito passivo de morrer!'

[35]**Total: 70 marks**